

PREFÁCIO

Villy Fomin¹

Essa tal felicidade existe mesmo? Todo ser humano quer ser feliz. Mas o que é felicidade? Essa resposta é variada, plural; existem muitas opiniões a respeito do que é ser feliz. O fato é que é essa a grande busca. Para encontrar a felicidade, fazemos diversos movimentos.

Vivemos numa época fortemente consumista, em que as propagandas sugerem que a aquisição de determinado produto vai saciar a fome de felicidade. Será? Será que a felicidade pode ser reduzida a algo a ser comprado?

O problema não é possuir bens, o problema é ser possuído por eles. O problema não é ter coisas, o problema é quando as coisas passam a dominar o coração e, assim, ganham um lugar acima dos afetos pessoais.

Penso que a felicidade tem a ver com outra dimensão, tem a ver com a troca, tem a ver com roda de amigos conversando de maneira leve na mesa do bar. Tem a ver com o casal andando de mãos dadas, tendo o silêncio como companhia. Tem a ver com uma tarde no parque com seus filhos. Tem a ver com a família em volta da mesa. Tem a ver com o sorriso da criança. Esses momentos são simples e são eles que alimentam nossa vontade de viver.

1. Psicanalista e pastor da Igreja Betesda.

A felicidade não é permanente; ela é um instante que tem gosto de eternidade, mas passa. Rubem Alves afirmou que a felicidade é como as bolhas de sabão: são possíveis, são simples, e esbouram, acabam, mas sempre será possível soprar outras bolhas.

A felicidade passa, vai e vem, e por vezes ficamos sem expectativa na vida, tudo perde o brilho, o céu escurece e o sentido da vida se esvai.

Em *Quando a vontade de viver vai embora*, Christopher e Thiago nos colocam diante do desafio de viver. A partir de suas leituras bíblicas e percepções cristãs da existência, os autores apontam, de maneira sincera, com os pés no chão e o coração em Deus, algumas vias possíveis para que a vida não fique à deriva.

Sem negar o sofrimento humano, sem deixar de lado as questões contingenciais, as crises, as lutas do viver, o livro que está em suas mãos será de grande valia para o fortalecimento do seu coração para o enfrentamento do dia a dia.

Há uma felicidade, há uma razão para viver guardada para quem luta, pois o sentido da vida não está em viver rindo, mas em viver tentando. Fracassos não precisam determinar nossa história, derrotas não precisam rotular nossa essência. Em sua carta, o apóstolo Tiago afirma: “Aquele que encara lutas e aflições e as supera é um felizardo! É gente assim que ama a Deus e é fiel de verdade. Eles receberão como recompensa a vida plena” (Tg 1,12).

As lutas estão no viver e não fugir delas pode gerar felicidade, vontade de continuar. Não podemos escolher todas as situações, mas em todas as situações poderemos decidir nossos comportamentos.

Se a vontade de viver for embora, acredite que sempre será possível o recomeço, novas tentativas, um novo caminho tendo Deus por companhia.

APRESENTAÇÃO

Daniel Martins de Barros¹

Uma das maiores contradições enfrentadas por quem atua com saúde mental é perceber como a religiosidade tem grande potencial para ajudar os pacientes, enquanto a religião por vezes trabalha no sentido oposto. Enquanto a fé e a espiritualidade são ferramentas úteis na manutenção da esperança, motivação e propósito, a religião e os dogmas surgem frequentemente como instrumentos de culpa, controle e submissão.

A essa situação dicotômica soma-se outra cisão quando falamos sobre a postura de profissionais da saúde mental e pacientes no tocante ao tema. Os primeiros raramente sentem-se à vontade para incluir no tratamento a visão espiritual de seus pacientes, contrapondo o discurso religioso às explicações cientificamente embasadas. Como os seres humanos dificilmente abrem mão de suas crenças, contudo, quando são colocados num cenário em que religião e ciência são apresentados como mutuamente excludentes, quase que numa disputa em que um discurso deve prevalecer sobre o outro, os pacientes acabam sendo estimulados pelos próprios profissionais a se afastar das propostas médico-psicológicas.

Nesse campo de batalha, o livro *Quando a vontade de viver vai embora* é um saudável e necessário tratado de paz. Os autores

1. Psiquiatra e bacharel em Filosofia.

empreenderam uma das tarefas mais difíceis nesse tempo de renovados extremismos: buscar o diálogo.

Articular o discurso científico e os relatos bíblicos por si só já não é algo simples. Fazer isso para mostrar que o sofrimento emocional não poupa ninguém, por mais fé ou fervor religioso que a pessoa tenha, é ainda mais meritório.

Sim, o sofrimento é inerente à condição humana. Mas, para muitas pessoas, ele torna-se patológico e precisa de tratamento. O livro de Christopher Marques e Thiago Faccini Paro vem para mostrar que, nessa hora, o pior que se pode fazer é inserir o paciente na arcaica disputa ciência *versus* religião. Ao contrário, os discursos e as práticas de ambas devem se unir no propósito que, afinal, é o mesmo para ambas: melhorar a vida das pessoas.

INTRODUÇÃO

O mundo está atormentado por muitos flagelos. O terrorismo internacional fragiliza as nações mais poderosas da terra. O vazio existencial empurra muitas pessoas para o suicídio. O avanço das drogas letais, por mais firme que seja a repressão, cresce no mundo inteiro, deixando tantas pessoas prisioneiras do vício e do tráfico. Há um gemido represado nos corações. Há uma dor que lateja na alma. Há lágrimas copiosas que toldam as alegrias da vida.

Há momentos em que a doença surra o nosso corpo e a morte nos mostra a sua carranca. Nessas horas decisivas, muitos se desesperam; outros, porém, desfrutam de uma paz que excede todo o entendimento. Uma pergunta se impõe nesse cenário cinzento e nesses momentos decisivos: É possível experimentar a verdadeira paz?

A depressão foi definida por Andrew Solomon como um parasita que suga a seiva da nossa vida. É como engolir seu próprio funeral e vestir-se com uma roupa de madeira. A depressão é o cárcere da alma, a masmorra das emoções, o cativo que priva milhões de pessoas de nutrirem na alma a esperança do amanhã. A depressão é classificada como uma doença, e essa doença, que possui múltiplas causas, atinge ricos e pobres, jovens e velhos, doutores e analfabetos, religiosos e ateus. A depressão é uma doença que provoca muitas outras. Se não tratada convenientemente, pode desembocar

em tragédias irremediáveis. A depressão é a principal causa de suicídio no mundo.

Quando reflito sobre a razão deste livro, lembro-me rapidamente do alerta de Eclesiastes: “Vieram os anos nos quais não encontro contentamento” (Eclesiastes 12,1). Frequentemente, em um corpo cheio de vida, existe uma alma cheia de dor. Lembro-me da Cleide, uma jovem moça frequentadora da igreja que atuava no interior de São Paulo, em um dia da véspera de uma das sessões de hemodiálise que ela fazia. Quando via seu sangue correr pelas veias de um filtro artificial, três vezes por semana, ela dizia: “É, a gente vive é de teimoso”.

Quanta vontade de viver, quanta persistência e profunda teimosia de que viver ainda valia a pena, apesar da dor. Em sua fragilidade extrema, não necessitada de provas. Aquela mulher me ensinou o que eu conhecia apenas por palavras: quando somos frágeis, então é que somos fortes.

Não é preciso frequentar a enfermaria de um grande hospital para perceber a força da adversidade, do sofrimento e da angústia humana. Essas facetas do grande drama da vida apresentam-se, a cada momento, diante e dentro de nós. Embora o mundo contemporâneo pareça estar construído segundo o ideal de uma existência livre de sofrimentos, de uma felicidade sem dor, de uma vida sem conflitos, no fundo todos sabemos que uma felicidade que paire acima das pequenas alegrias e dores da vida só existe nos filmes *hollywoodianos*; que uma vida sem conflitos só existe ao preço da alienação de uma consciência drogada; que uma cultura que faz da morte tabu só pode estar construída sobre falsidades.

A dor, o desespero, a angústia e a morte são aquelas sensações mais evidentes da precariedade de nossos corpos, da humildade de nossa condição, de nossas fragilidades e impotências. Entretanto, essa insustentável leveza do ser, como disse

o sociólogo Le Breton – lembrando Milan Kundera –, parece insuportável à cultura contemporânea, que vive da ilusão da imortalidade, da ilusão de uma vida indolor.

A fé cristã não foi a única a construir um discurso sobre Deus, uma teologia que torne possível aos seres humanos sentirem-se filhos e filhas amados e amadas por Deus também em suas fragilidades e provisoriidades. Embora eu respeite profundamente as outras visões religiosas que buscam um sentido para o drama humano do sofrimento e da morte, confesso que, na Paixão de Jesus, conforme relatam os Evangelhos, sinto o amor de Deus não apenas nas mais profundas dores do meu corpo, como também nas do corpo dos meus semelhantes.

Para conversarmos melhor sobre perdas, sofrimento, dor, angústia e morte, e como saber lidar com tudo isso e ganhar com as lições dessas fases, o livro tem a sua razão de ser. Não haja mais sofrimentos do que já sofreu ou tem sofrido. Que este material seja um instrumento de Deus de conforto, consolo, crescimento, aprendizado e até mesmo de cura espiritual e emocional para você. Siga-nos nesta jornada!

GENTE COMO A GENTE: A HUMANIDADE DOS PERSONAGENS BÍBLICOS

Na Bíblia, encontramos muitas histórias grandiosas, milagres e realizações importantes feitas por pessoas que admiramos e nas quais nos espelhamos. Mas você já parou para pensar quanto essas pessoas eram como nós, imperfeitas e errantes?

Geralmente, temos a tendência de olhar para o texto sagrado da Bíblia e colocar os homens e mulheres que fazem parte de toda a história em um pedestal muito elevado. Sempre escutei que é difícil viver da forma como os personagens bíblicos viveram. Eles estão acima da média. Foram pessoas especiais. Acredito, sim, que foram pessoas especiais, mas não por causa de alguma capacidade inata que possuíam. Foram especiais, sobretudo, porque eram pessoas incapazes e fracas, e Deus, mesmo assim, agira em cada um deles, usando-os para algo maior do que eles próprios.

Precisamos ter um olhar mais humano para o texto bíblico. Esse olhar não faz perder a dimensão sagrada e divina. Mas o próprio Deus se diviniza no humano, ou seja, para Deus, quanto mais humano melhor. Deus não quer pessoas como seres alados. Se ele nos fez humanos e com o pé de barro, é dentro desta realidade transitória, vulnerável e da contingência humana que o divino se manifestará.

Quando olhamos a árvore genealógica bíblica, encontramos gente de toda natureza. No Evangelho de Mateus, perceberemos, na árvore genealógica de Jesus, que foi o homem mais

santo, perfeito e justo que já pisou nesta terra, pessoas de caráter duvidoso. Ou seja, notaremos duas verdades interessantes na história dos familiares que antecederam Jesus: 1) Sua história familiar não determina que tipo de pessoa você se tornará. A continuidade de tragédias e desgraças que assolaram a sua família pode cessar em você e com você; 2) Por mais problemática que tenha sido a vida e história dos seus antepassados, ainda assim Deus pode usar esses eventos para escrever uma nova história. Deus faz o que melhor sabe fazer: transformar o que é comum em algo extraordinário.

O que se pretende com essa informação? É que frequentemente ouvimos e lemos que o sintoma de depressão, falta de vontade de viver e perda da esperança pode ter um traço histórico familiar. O fato de a história de Jesus possuir prostituta, ladrão, adúltero e mentiroso, entre os seus antepassados, não determinou a sua vida e caminhada. Não queremos, aqui, desconsiderar a realidade familiar como fator preponderante em doenças e sintomas que perpassam gerações. O que queremos propor é a quebra desse ciclo. É o indivíduo maduro e consciente como protagonista da sua história, e não refém do que fizeram com ele. Como isso acontece? São vários os processos e, dentre eles, destacamos:

- *O auxílio espiritual*: viver numa comunidade de fé ajuda a pessoa a curar-se. Nesse espaço, ela encontra ferramentas e pessoas que a auxiliarão no processo de cura. O simples fato de ter alguém para nos ouvir, orar com a gente, um ombro amigo e uma orientação espiritual, pode trazer uma nova compreensão para a vida.
- *O auxílio de um especialista*: esse suporte pode ser fundamental para uma mudança de vida. Às vezes, um acompanhamento sobre uma leitura mais ampla e profunda

da história de vida faz com que os olhos se voltem para temas esquecidos que afetam a vida adulta. Às vezes, um remédio pode reordenar o controle da vida e das emoções.

Ambos os auxílios são, na verdade, um socorro de Deus para a condição humana. Os profissionais de saúde e os líderes religiosos são instrumentos que Deus nos coloca, para que, com humildade, possamos superar todas as dores e continuar a caminhada.

CRISES NA VIDA DOS SERVOS DE DEUS

Alguma vez você já se sentiu tão impotente diante de um problema que achou que seria esmagado por ele? Já chegou a pensar que Deus não estava ao seu lado, ao lutar contra um grande mal em sua vida? Em algum momento, viu-se sem coragem para orar ou ler a Bíblia, ao enfrentar obstáculos aparentemente intransponíveis? Ao longo da jornada espiritual, muitas pessoas já se depararam com inúmeras crises: o medo, o desânimo, a solidão, a preocupação, a culpa, a tentação, o ressentimento, a dúvida, a procrastinação e o fracasso. Muitas saíram machucadas nesses embates. Outras foram derrotadas e viram seus objetivos destruídos. Felizmente, outras foram capazes de preparar-se adequadamente para essas crises e saíram vitoriosas. Seja qual for o tipo de crise pela qual passamos, tenhamos a viva convicção de que Deus é maior que todas essas crises.

Não podemos ignorar que os fatores externos afetam a vida de qualquer pessoa, inclusive a de quem anda com Deus. Vivemos em um tempo de más notícias. A cada momento, escutam-se catástrofes por todo o mundo. Lembro-me do sentimento de frustração de Georgette Vidor, que treinou Daniele Hypólito: ela tinha dificuldades para obter vitórias. O que dizer das crises de depressão e solidão que a grande Gisele Caroline

Bündchen sofreu, considerando que a modelo tinha tudo à sua disposição. Sem falar no fracasso da economia brasileira, e as tentativas e erros para que se chegue a um país melhor, com igualdade e menos violência.

Todos nós já fracassamos em alguma área e ninguém gosta disso. No momento, para algumas pessoas, a experiência se transforma em estímulos para avançar com novos aprendizados, maior persistência, um comprometimento mais vigoroso, um coração cheio de bravura. Para outros, o fracasso produz derrota completa – um sentimento de desânimo, perda de esperança, vontade de se esconder e a decisão de nunca mais sair do barco que levará ao naufrágio.

Quando você crê que nada de importante pode acontecer ao longo de sua vida, isso indica seu sentimento em relação à sua fé em Deus mais do que em relação a si próprio. Por isso, gosto de pensar na vida do missionário Hudson Taylor. Foi um missionário desbravador na China e viveu ali por 51 anos. Deixou mais de 25 igrejas plantadas no país. Traduziu o Novo Testamento para o idioma chinês. Linda história, não é? Lendo assim parece mesmo. Mas o que se deve lembrar é que ele perdeu a esposa e os filhos no interior da selva na China. Foi contaminado por febre amarela. Quase morreu. Enterrou a família toda sozinho. Entrou em depressão, pensou em abandonar a fé e se revoltou contra Deus. Ficou assim por um bom período de tempo. Até que ele foi restaurado e a sua fé, revitalizada. Ele pôde, então, escrever no seu diário este lindo pensamento: “Todos os gigantes de Deus foram homens fracos que realizaram grandes feitos para o Senhor, porque confiavam que Deus estava com eles”. A partir dessa clara experiência, começaremos a entrar no mundo bíblico, para desvendar a humanidade daqueles personagens que, acostumados como estamos a pensar que eram e são insuperáveis, e com uma vida tão reta, pareciam quase anjos alados.

ADÃO: SUA HISTÓRIA (Gn 2-5)

A historicidade literal de Adão como o primeiro ser humano, criado por Deus, do pó da terra, é teologicamente importante. Ou seja, é contraditório alguém negar a historicidade de Adão como o primeiro ser humano criado e, ainda assim, sustentar todos os ensinoss essenciais da teologia e da fé cristã.

A linguagem e as descrições de Adão em Gênesis 5,3-5 – o número de anos que ele viveu depois do nascimento de Sete, o fato de que ele teve outros filhos e o número total de anos que ele viveu – são idênticos à linguagem e as descrições usadas a respeito de outros personagens históricos em Gênesis e em outras partes da Bíblia (cf. o restante de Gn 5; Gn 11,10-26; Gn 25,7-11; 1Cr 1-9). O cronista inicia a sua extensa genealogia de Israel com “Adão”, que dá início a toda a raça humana.

Lucas alicerça a genealogia de Jesus no primeiro homem, Adão, o filho de Deus (Lc 3,38). Jesus entendeu Adão e Eva como pessoas humanas literais, criadas por Deus e, depois, unidas no primeiro casamento de um homem com uma mulher (Mt 19,4-6; Mc 19,6-9). As referências de Paulo a Adão como o primeiro ser humano em Rm 5,12-18, 1Cor 11,7-9, 1Cor 15,21-22 e 2Tm 2,13-14 são, inconfundivelmente, a respeito desta pessoa histórica que foi criada à imagem de Deus (1Cor 11,7), antes da mulher, que procedeu dele (1Cor 11,8; 1Tm 2,13), e que pecou, trazendo o pecado e a morte para todos os seus descendentes (Rm 5,12-18; 1Cor 15,21-22). Por último, Judas 14 refere-se à pessoa histórica de Enoque, o sétimo depois de Adão, que também seria entendido como histórico. Uma leitura atenta desses textos apoia a conclusão de que a própria Bíblia trata, repetidas vezes e sem exceção, Adão como uma pessoa histórica literal, o primeiro humano criado por Deus.

ADÃO: SUA TRAJETÓRIA DE VIDA

Precisamos começar do início. Adão, criado pelo próprio Deus, assim conta a narrativa mitológica. Pensado e projetado nos mais ricos detalhes. Cuidava de algo maravilhoso, no qual não tinha necessidade de nada. Não havia falta no Paraíso. Mas ele decidiu seguir outro caminho. Decidiu seguir uma rota que o levaria à morte (viver longe de Deus). Em Adão, todos nós nos encontramos e nos reconhecemos.

EVA: SUA HISTÓRIA (Gn 2-5)

Nossa teologia de gênero e sexualidade está intrinsecamente ligada à criação do primeiro casal humano e à natureza da união conjugal designada por Deus para eles. Quando Jesus se referiu a Gênesis 2, e quando Paulo aludiu a aspectos de Gênesis 2 e 3, ambos entenderam Adão e Eva como pessoas históricas reais que exemplificavam a união vitalícia, em uma só carne, de macho e fêmea, e que Deus planejou e trouxe à existência. Por sua queda histórica, Adão e Eva apartaram-se do desígnio de Deus e produziram distorções pecaminosas, tanto das relações de gênero como da sexualidade humana. Nossa teologia de gênero e sexualidade não está dissociada da história. Pelo contrário, o desígnio criado por Deus foi exemplificado, inicialmente, no primeiro homem e na primeira mulher originais. E tanto Jesus como Paulo se referiram a esse desígnio trazido à existência por Deus e vivenciado realmente no Éden.

O Senhor, então, fez Adão dormir o sono da anestesia. Que ele não sentisse dor alguma quando fosse retirada uma costela de seu próprio corpo. E esta seria transformada em doce companheira e auxiliadora idônea (Gn 2,21-22). Assim, surgiu a mulher: foi feita sob medida para o homem. Foi formada da cálida matéria-prima existente: do corpo de Adão. Ela provinha de um lugar de honra: cobria o coração daquele que seria o seu amado.